ISSN: 2358-8829

FELIZES PARA SEMPRE: GÊNERO, MÍDIA E EDUCAÇÃO

João Vitor Dias da Silva[1]

INTRODUÇÃO

As narrativas da Disney participam da circulação de imagens sobre amor, felicidade e realização pessoal. Filmes, brinquedos e outros produtos oferecem personagens com os quais os espectadores podem estabelecer vínculos afetivos, reconhecer expectativas sociais e elaborar interpretações sobre si e sobre os outros. Examinar essas narrativas exige considerar tanto os valores presentes nas obras quanto as diferentes maneiras pelas quais o público se relaciona com elas.

As princesas constituem um conjunto relevante para essa discussão. Em determinadas tramas, a delicadeza, a beleza e o reconhecimento amoroso ocupam posições centrais na construção da personagem feminina. Outras narrativas ampliam sua participação nas decisões e deslocam a realização pessoal para projetos que envolvem trabalho, aventura e responsabilidades coletivas. Essas diferenças impedem que toda a produção do estúdio seja tratada como um bloco homogêneo.

A representação dos vilões também permite investigar associações entre aparência, comportamento e valor moral. A leitura de certos traços como sinais de dissidência de gênero requer cuidado: uma personagem interpretada por meio desses códigos não corresponde necessariamente a uma identidade LGBTQIA+ explicitamente apresentada na narrativa. A análise precisa demonstrar quais recursos visuais, gestuais ou narrativos sustentam cada interpretação.

A escola integra esse problema como espaço em que repertórios culturais podem ser discutidos. O trabalho pedagógico com filmes permite examinar quem toma decisões, quais comportamentos recebem reconhecimento e como certas diferenças se tornam motivo de desqualificação. Seus resultados, contudo, dependem das condições concretas de ensino e não podem ser antecipados como efeitos automáticos de uma atividade.

Este trabalho tem como objetivo discutir representações de feminilidade, vilania e consumo em narrativas da Disney, articulando bibliografia e excertos de entrevistas realizadas com quatro participantes de 17 a 18 anos. A partir dessa discussão, propõe possibilidades de mediação escolar. O estudo não pretende medir os efeitos dos filmes sobre a formação infantil nem avaliar uma intervenção pedagógica realizada.

Os excertos analisados associam a princesa à delicadeza e à aprovação social. A discussão evidencia a necessidade de distinguir o conteúdo das representações de seus

[1] Professor de Sociologia da EEEP Marta Maria Giffoni de Sousa, Rede Estadual de Ensino Profissional do Ceará. E-mail: joao.silva128@prof.ce.gov.br.

ISSN: 2358-8829

possíveis efeitos sobre os espectadores. Como desdobramento, propõe-se o exame de cenas e produtos culturais em sala de aula, com atenção às evidências que sustentam cada interpretação. A contribuição do trabalho está na articulação entre essas questões de recepção e possibilidades de mediação pedagógica,.

METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa e exploratória, articulando revisão bibliográfica, discussão de elementos narrativos de animações da Disney e entrevistas semiestruturadas. Seu objetivo é examinar sentidos atribuídos a princesas e vilões e discutir suas implicações para a mediação escolar. A análise não pretende medir a influência dos filmes nem representar estatisticamente seu público.

Participaram quatro pessoas, com idades entre 17 e 18 anos, consumidoras de produções da Disney: dois participantes do gênero masculino e duas do gênero feminino. Os nomes utilizados são fictícios. O perfil etário e de gênero é apresentado na Tabela 1; Flávia tinha 17 anos no momento da pesquisa.

Tabela 1 - Perfil dos participantes

Nome fictício	**Idade**	**Gênero**
Marcos	18 anos	Masculino
José	17 anos	Masculino
Maria	17 anos	Feminino
Flávia	17 anos	Feminino

Fonte: dados da pesquisa (2025).

O roteiro das entrevistas contemplou quatro eixos: escolha da princesa favorita e justificativa; expectativas sobre seu comportamento; identificação de vilões e percepção de medo; avaliação estética e moral da vilania. As respostas discutidas neste artigo são examinadas em diálogo com a bibliografia, considerando os sentidos expressos nas falas e os limites das inferências que elas permitem.

A exposição organiza-se em três eixos interpretativos: expectativas de feminilidade; relações entre vilania e diferença; consumo e identificação. Esses eixos orientam a aproximação entre os excertos e as questões teóricas. As falas de Marcos e Flávia são mobilizadas para discutir a delicadeza e a aprovação social; o relato sobre a boneca de Moana integra a discussão do consumo. Não se atribuem posições a José e Maria, cujas falas não são reproduzidas no recorte apresentado.

ISSN: 2358-8829

A leitura dos filmes é seletiva e vinculada aos problemas discutidos, sem constituir um levantamento exaustivo da filmografia Disney. O recorte histórico de Breder (2013), encerrado em 2012, é utilizado como referência bibliográfica. A menção a Moana decorre do relato de uma participante e não altera o período abrangido por aquela pesquisa.

A instituição escolar não constitui campo de observação empírica deste estudo. As sugestões de trabalho em sala de aula são desdobramentos teóricos da análise e não resultados de uma intervenção. A dimensão exploratória e o recorte das falas limitam a generalização dos achados; a recepção é tratada como uma relação situada, cuja compreensão requer atenção a outras experiências sociais dos participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Gênero, relações de poder e representações culturais

O debate sobre a construção social da feminilidade permite interrogar expectativas apresentadas como características naturais das mulheres. A contribuição de Simone de Beauvoir é retomada aqui pela leitura de Louro (2007), que destaca a historicidade da constituição dos sujeitos de gênero. Essa perspectiva orienta a análise de comportamentos como delicadeza, obediência e cuidado, cuja associação ao feminino precisa ser explicada socialmente.

Scott (1995) compreende o gênero como elemento constitutivo das relações sociais e como forma de significação das relações de poder. Sua formulação articula símbolos culturalmente disponíveis, conceitos normativos, instituições e organização social, além das identidades subjetivas. Aplicada ao objeto deste estudo, essa abordagem permite perguntar como as narrativas distribuem autoridade, iniciativa e reconhecimento entre personagens. Uma imagem de feminilidade adquire sentido em relação às normas e às instituições que participam de sua circulação.

Saffioti (2015) contribui para examinar o patriarcado como relação histórica de dominação e exploração. Sua abordagem permite relacionar expectativas de gênero à distribuição desigual de trabalho, recursos e autoridade. Neste estudo, essa contribuição orienta perguntas sobre a atribuição do cuidado e sobre a dependência feminina em algumas tramas. A presença desses elementos exige análise de cada obra; não constitui uma prova de que seus espectadores reproduzam necessariamente os mesmos padrões.

Breder (2013) investiga mudanças na representação feminina em filmes de princesas, tomando obras de 1937 a 2012. Esse recorte permite comparar formas distintas de ação das heroínas, sem supor uma evolução contínua rumo à igualdade. Cechin (2014), ao discutir as princesas e sua circulação como bonecas, examina os ideais de feminilidade difundidos por esses produtos. As duas contribuições ajudam a relacionar narrativa e mercadoria, preservando a diferença entre representação cultural e recepção individual.

ISSN: 2358-8829

Educação, consumo e experiência

Louro (2007) discute as relações entre gênero, sexualidade, corpo e poder, bem como a diversidade de perspectivas presentes nesse campo. Seu debate sustenta o questionamento das normas que desqualificam maneiras de viver o gênero e a sexualidade. A aproximação com o cinema, desenvolvida neste trabalho, consiste em interrogar os critérios pelos quais algumas personagens são reconhecidas como desejáveis e outras como inadequadas.

Bauman (2008) analisa a transformação dos consumidores em mercadorias e a presença da lógica do consumo nas relações sociais. Esse referencial permite discutir a circulação comercial de imagens de identificação, sem presumir que a compra de um brinquedo determine, por si, a identidade de quem o possui. Larrosa Bondía (2002), por sua vez, diferencia experiência e acúmulo de informação. Sua reflexão sobre atenção, tempo e suspensão dos automatismos inspira a proposta de uma recepção escolar mais demorada das imagens. Essa aplicação constitui uma elaboração deste estudo, e não uma metodologia de letramento midiático formulada pelo autor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Delicadeza, reconhecimento e expectativas de feminilidade

A comparação entre heroínas de diferentes filmes permite observar mudanças nos lugares atribuídos às personagens femininas. A pesquisa de Breder (2013) oferece um recorte histórico até 2012, útil para discutir essas diferenças. Neste trabalho, Moana aparece somente no registro de consumo apresentado na entrevista; sua menção não amplia retrospectivamente o recorte daquela pesquisa nem estabelece uma nova periodização.

Nos excertos das entrevistas, a delicadeza surge como atributo esperado de uma princesa. A fala atribuída a Flávia explicita uma relação entre comportamento e observação alheia:

Flávia, 17 anos, afirma: “Muito delicada. E quando tem convidados, tem que ficar mais delicada, porque tem mais gente olhando para ela.”

Marcos associa a princesa a alguém “delicada e muito educada”. As duas falas aproximam feminilidade, boa conduta e aprovação social. Na primeira, a presença de outras pessoas intensifica a exigência comportamental, permitindo interpretar a delicadeza como uma expectativa submetida ao julgamento público. Essa leitura se restringe ao conteúdo das respostas: não identifica a origem exclusiva dessas expectativas nem demonstra a eficácia dos filmes na produção de comportamentos.

A associação entre princesas e delicadeza abre uma questão para o trabalho escolar: por que determinado comportamento se torna condição de reconhecimento para uma personagem feminina? A discussão pode comparar exigências dirigidas a princesas, príncipes

ISSN: 2358-8829

e vilões, observando se os mesmos critérios são aplicados a todos. Trata-se de uma possibilidade de investigação pedagógica, cujo desenvolvimento não foi acompanhado neste estudo.

Vilania, códigos de gênero e julgamento moral

A leitura da vilania precisa distinguir ações narrativas e marcas de caracterização. Uma personagem pode agir de forma cruel, apresentar uma aparência distante do padrão de beleza predominante e exibir gestos interpretados como dissidentes das normas de gênero. A coexistência desses elementos não permite equiparar diferença corporal, sexualidade e maldade; justamente essa associação deve ser interrogada.

Em *A Pequena Sereia*, a negociação em que Ariel entrega sua voz a Úrsula permite discutir o silenciamento e as condições impostas ao reconhecimento amoroso. A interpretação proposta considera a voz como recurso narrativo de expressão e decisão. O fato de o aconselhamento partir de uma antagonista torna a cena ambígua: é necessário examinar como a própria trama enquadra suas palavras, evitando tratá-las como uma recomendação direta e inequívoca do filme.

A expressão *codificação queer* designa, nesta discussão, uma leitura de traços estéticos e comportamentais associados à dissidência de gênero. Ela não comprova a identidade sexual da personagem ou uma intenção de seus criadores. As relações entre essas imagens e práticas discriminatórias escolares permanecem questões de pesquisa; as entrevistas apresentadas não demonstram que uma representação específica produza bullying ou preconceito.

Consumo e identificação com personagens

O registro de que Flávia mostrou uma boneca de Moana indica a presença de um produto associado à personagem em sua experiência cotidiana. Esse episódio permite aproximar consumo material e vínculo com narrativas, mas não esclarecer, sozinho, os sentidos atribuídos ao objeto. Seria necessário conhecer o que a participante diz sobre a personagem, sobre a boneca e sobre suas formas de uso.

A discussão de Bauman (2008) ajuda a formular perguntas sobre como mercadorias participam da apresentação de si e da busca de reconhecimento. A leitura de Cechin (2014) acrescenta o problema dos modelos de feminilidade que circulam em produtos ligados às princesas. A posse de um brinquedo, entretanto, admite usos diversos, como brincadeira, coleção, lembrança ou identificação narrativa. Nenhum deles pode ser presumido a partir do registro analisado.

Mudanças na representação das heroínas podem coexistir com estratégias comerciais. Para explicar uma decisão empresarial específica, seriam necessários documentos, declarações e informações sobre produção e distribuição. O material desta pesquisa não permite atribuir

ISSN: 2358-8829

toda ampliação da representatividade exclusivamente ao lucro, nem explicar o cancelamento ou a retomada de um filme por uma única motivação.

A idade dos participantes delimita o alcance da discussão. As falas analisadas foram produzidas por adolescentes e por um jovem de 18 anos, e não por crianças em idade pré-escolar. Ainda que as personagens façam parte de repertórios frequentemente associados à infância, as respostas expressam percepções formuladas no momento das entrevistas. Não é possível reconstruir o desenvolvimento dessas percepções ao longo da vida a partir dos excertos selecionados.

Quadro 1 - Síntese dos eixos interpretativos

Material analisado	**Interpretação**	**Limite da inferência**
Falas de Marcos e Flávia sobre delicadeza.	Associação entre feminilidade, boa conduta e aprovação social.	Não identifica a origem exclusiva dessas expectativas.
Negociação entre Ariel e Úrsula.	Discussão da voz, da decisão e das condições do reconhecimento amoroso.	A leitura da cena não demonstra seus efeitos sobre o público.
Relato de Flávia sobre a boneca de Moana.	Relação possível entre consumo e vínculo com uma personagem.	A posse do objeto não esclarece, isoladamente, os sentidos de seu uso.

Fonte: elaboração do autor a partir das falas e dos exemplos discutidos.

Implicações para a mediação escolar

A mediação proposta consiste em transformar o filme em objeto de investigação compartilhada. O professor pode selecionar cenas e solicitar que os estudantes identifiquem quem fala, quem decide, quem cuida e quais ações recebem recompensa ou punição. A comparação entre personagens ajuda a explicitar critérios de julgamento que, numa recepção cotidiana, podem passar despercebidos.

Uma segunda possibilidade é confrontar interpretações. Os estudantes podem sustentar suas leituras com diálogos, enquadramentos e acontecimentos da trama, considerando também elementos que contrariem sua hipótese inicial. Essa prática evita que a análise se limite à confirmação de uma avaliação previamente estabelecida sobre a Disney.

Na discussão do consumo, podem ser comparadas cenas, embalagens e anúncios de uma mesma personagem. A atividade permite observar quais características são destacadas em cada suporte e que expectativas orientam sua apresentação. A avaliação pode considerar a capacidade de formular uma interpretação, apoiá-la em evidências e revê-la diante de objeções, sem exigir que os estudantes abandonem seus vínculos afetivos com as obras.

ISSN: 2358-8829

A aproximação com Larrosa Bondía (2002) está na criação de condições para olhar novamente, escutar outras leituras e elaborar o que a experiência de recepção suscita. A pausa, por si, não assegura uma mudança de percepção. O acompanhamento de produções e discussões dos estudantes seria necessário para investigar os efeitos de uma atividade dessa natureza.

O planejamento dessas atividades pode tomar como ponto de partida uma pergunta delimitada: quais condições uma personagem precisa cumprir para ser reconhecida como digna de afeto, confiança ou autoridade? A turma pode registrar hipóteses antes da análise e revisá-las após a comparação de cenas. O interesse pedagógico está na explicitação dos critérios utilizados, inclusive quando surgem leituras divergentes entre os estudantes.

Também é necessário distinguir a crítica a uma representação do julgamento de quem aprecia a obra. A identificação com uma princesa ou com um vilão pode envolver humor, memória, estética, aventura ou admiração por suas ações. A escuta dessas justificativas evita que a atividade atribua aos estudantes posições morais apenas com base em suas preferências. O professor pode solicitar que descrevam o que os aproxima da personagem e examinem como esse vínculo convive com aspectos problemáticos da narrativa.

Para acompanhar uma atividade dessa natureza, podem ser considerados registros de discussão, comentários escritos e comparações entre interpretações iniciais e finais. Esses materiais permitiriam investigar se houve mudanças na capacidade de sustentar argumentos, reconhecer estereótipos e considerar outras leituras. Trata-se de uma possibilidade para pesquisas futuras; o presente estudo não apresenta dados de aplicação desse procedimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão permite identificar, nos excertos apresentados, uma associação entre a figura da princesa, a delicadeza e o reconhecimento social. A leitura das narrativas também oferece questões sobre voz, iniciativa e julgamento moral. Esses resultados interpretativos não demonstram que as animações determinem a formação dos espectadores; indicam problemas que podem ser aprofundados por pesquisas de recepção que ampliem a diversidade de interlocutores e de situações analisadas.

A contribuição educacional do trabalho consiste na formulação de possibilidades de análise dos filmes em sala de aula. Comparar personagens, examinar cenas e confrontar interpretações pode favorecer a discussão das expectativas de gênero. Essa proposta precisa ser situada como desdobramento teórico, pois não foi avaliada por meio de uma intervenção escolar.

O número reduzido de participantes e o recorte das falas discutidas limitam a generalização dos achados. Uma continuidade da investigação poderá ampliar a exposição das

ISSN: 2358-8829

entrevistas e acompanhar situações escolares concretas, permitindo compreender como os estudantes aceitam, negociam ou questionam os sentidos das narrativas.

Palavras-chave: Gênero; Disney; Recepção midiática; Educação; Consumo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. DOI: 10.1590/S1413-24782002000100003.

BREDER, Fernanda Cabanez. **Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/4022. Acesso em: 10 nov. 2026.

CECHIN, Michelle Brugnera Cruz. O que se aprende com as princesas da Disney? **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 16, n. 29, p. 131-147, 2014. DOI: 10.5007/1980-4512.2014n29p131.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, dez. 2007. DOI: 10.1590/S0102-46982007000200008.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721. Acesso em: 10 nov. 2026.